



Esta obra possui uma Licença

Submissão: 17/08/2024 | Aprovação: 16/09/2024

Creative Commons Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional



<https://periodicos.ufpa.br/index.php/revistamargens/article/view/14867>

<http://dx.doi.org/10.18542/rmi.v18i31.14867>

Margens: Revista Interdisciplinar | e-ISSN:1982-5374 | V. 18 | N. 31 | Jul-Dez, 2024, pp. 255-261



RESENHA: O ESPAÇO-TEMPO DOS SONHOS NA COSMOLOGIA YANOMAMI

REVIEW: THE SPACE-TIME OF DREAMS IN YANOMAMI COSMOLOGY

Miguel Angel ANGULO-GIRALDO  

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRS (Brasil)¹

Resumo: O presente texto é uma resenha da obra “O desejo dos outros. Uma etnografia dos sonhos Yanomami” escrita pela antropóloga brasileira Hanna Limulja que foi publicada em 2022 pela Ubu editora, em que se observa o espaço-tempo do sonho da cosmologia Yanomami.

Palavras-chave: Povos indígenas. Yanomami. Brasil. Sonhos.

Abstract: *This text is a review of the work “The desire of others. An ethnography of Yanomami dreams” written by the Brazilian anthropologist Hanna Limulja, published in 2022 by Ubu editora, in which the space-time of the dream of Yanomami cosmology is observed.*

Keywords: *Indigenous people. Yanomami. Brasil. Dreams*

¹ Doutorando do PPGLetras da UFRGS. Bolsista da OEA/CNPQ. Mestrado Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos da Universidade Federal da Integração Latino-Americana. E-mail: angulo.runa@gmail.com

*Acho que vocês deveriam sonhar a terra,
pois ela tem coração e respira.*
Davi Kopenawa

Com quem sonham o povo indígena Yanomami? É possível viajar através desse tipo de acontecimento? Que diferença existe entre o mundo da vigília e o mundo do sonho? Em *O desejo dos outros, uma etnografia dos sonhos Yanomami*, Hanna Limulja (2022) apresenta os relatos dos Yanomami que foram recopilados por ela num trabalho de campo em que foram recolhidos mais de 100 sonhos em língua yanomae (30 horas de gravação em 500 páginas de transcrições).

A aproximação de Limulja (2022) com os sonhos dos Yanomami começou em 2008, quando ela trabalhava assessorando escolas Yanomami numa ONG na Venezuela. Os eventos oníricos começaram a invadir suas noites, foram se acrescentando no tempo e se fazendo mais intensos até o ponto de ser discutidos com Davi Kopenawa, o reconhecido xamã e líder político do povo Yanomami, quem lhe dava uma explicação.

Para *O desejo dos outros, uma etnografia dos sonhos Yanomami*, Limulja (2022) fez um trabalho de campo nas comunidades de Yanomami do Pya ú, na região Toototopi, na fronteira de Roraima (Brasil) com a Venezuela. No momento da pesquisa, a região estava formada por 10 comunidades ligadas por laços de parentesco que totalizavam umas 154 pessoas. O período de convivência foi de quase um ano, entre novembro de 2015 e fevereiro de 2017. Para a autora, o importante é ver os sonhos “como e com os Yanomami” (p. 11) e, mesmo que a autora procure algumas interpretações dos sonhos, o foco está “naquilo que os Yanomami podem fazer com eles” (p. 14).

Os acontecimentos no sonho acontecem no tempo do *mari tēhē*, quer dizer, no “espaço-tempo do sonho”, refere Limulja (2022); porém, tem uma identidade própria que o separa do tempo da vigília e que deve ser entendido como uma complementariedade. Assim, os Yanomami coabitam o mundo durante a noite e durante o dia, de maneira que os eventos que ocorrem em algum desses espaços-tempo podem afetar a totalidade do cotidiano: “(...) o sonho é concebido como acontecimento: não se trata de simbolismo ou representação, as coisas realmente acontecem, a imagem vital (*utupē*) das pessoas desloca-se para outro plano” (p. 13).

A partir do dito, o trabalho de Limulja (2022) posiciona-se, frente aos sonhos, desde os pontos-chave: num primeiro momento, a construção dos sonhos como um campo de acontecimentos, espaços sociais onde as coisas acontecem, onde as subjetividades se relacionam e as interações acontecem, em geral, o tempo da noite; e, num segundo momento, o tempo da vigília, em que as interpretações sobre os sonhos são faladas, compartilhadas, repensadas, imaginadas e sentidas, é o

momento em que o povo indígena Yanomami transfere os eventos que ocorreram nos sonhos para fazer parte da trama da vida cotidiana:

o dia está para o corpo assim como a noite está para a imagem e que esta se constitui como o componente da pessoa responsável pelo surgimento dos sentimentos, da volição e do pensamento. De dia as pessoas se ocupam de suas atividades cotidianas. Com o início da noite, a imagem começa a se manifestar, alcançando seu ápice no momento do sonho. O fim da tarde é também o momento em que os Yanomami dizem que sentem saudades (Limulja, 2019, p. 14).

É importante lembrar que o campo dos sonhos como objeto de estudo tem sido abordado desde múltiplas linhas de pesquisa (psicologia, antropologia, sociologia etc.). No caso que se desenvolve aqui, retomamos as ideias das duas últimas disciplinas ao considerar que na “cosmologia do sonho, os elementos materiais permanecem como os elementos fundamentais” (Bachelard, 1990, p. 5), de maneira que, como relata El-Aswad (2010, p. 443), nas experiências oníricas é possível encontrar uma “realidade invisível, imaginária e incognoscível (*–alam al-ghaib*) da qual emergem as realidades possíveis”, e que inclui características ontológicas - seres que existem além dos humanos—, atribucionais - “multiple realities encompass positive and negative attributes related to specific unseen beings and forces”- e relacionais - uma diversidade de cenários e realidades percebidas têm correlações com as cosmologias que afetam e se deixam afetar pelos sonhos.

O tempo da noite

Quando a luz do dia acaba e as saudades aparecem, os corpos do Yanomami terão acesso ao espaço-tempo do sonho. Durante a noite, o mundo onírico permitirá que os diversos agentes (humanos e não-humanos) se relacionem, transitem e viagem juntos; porém, uma ameaça está sempre presente: “o desejo dos outros” (p. 14). A diferença do olhar dos povos indígenas é levada a um ponto radical quando Limulja (2022) explica o conceito dos sonhos na relação que os Yanomami estabelecem com as outras subjetividades: não são só as próprias afetações, mas principalmente os anseios dos outros agentes pelo estabelecimento de relações de predação com o povo indígena.

No espaço onírico, os Yanomami são vistos pelos mortos (*pore pë*) como *presas*, de maneira que é a animalidade dos segundos que vai procurar atrair e capturar aos sonhadores para levá-los e viver juntos. O sonho, compreendido como “uma pequena morte” (Limulja, 2022, p. 15), encerra sempre o risco de uma morte mais radical que acontece durante esse momento a noite:

O sonho é a terceira margem do rio, é a boa distância que separa vivos e mortos. Distância que não pode ser ultrapassada, sob a penalidade máximo de se encontrar de maneira irremediável na outra margem, que é a morte. Assim, os sonhos com os mortos não podem ser recorrentes, pois, despertando o sentimento de nostalgia nos

vivos, eles os conduziram a um caminho sem volta. E, se há algo que os mortos ensinam bem, é que saudade é coisa que mata (Limulja, 2022, p. 143).

A história de Davi Kopenawa mostra as vivências históricas que deve passar um xamã ao ir descobrindo as complexidades dos espaços oníricos. Quando Kopenawa era criança sonhava com seres que não conhecia (humanos e não-humanos). Entre temores, encontros e surpresas, ele começou a sonhar constantemente até a juventude. Em cada evento onírico, como explica Limulja (2022), os espíritos (*xapiri pë*) carregavam sua imagem para o céu, para se aproximar à imagem dele (*utupë*) com o objetivo de que ele se tornasse xamã:

Quando eles por fim se aproximavam de mim, meu ventre caía de medo. Eu não entendia o que estava acontecendo comigo. Começava a chorar e gritar, chamando minha mãe... Muito mais tarde, já xamã, compreendi que os seres inquietantes que tinha visto em meus sonhos eram espíritos de verdade... eles (os *xapiri*) me pegavam e me levavam para o peito do céu. É verdade, eu costumava sobrevoar a floresta em meus sonhos! Meus braços se transformavam em asas, como as de uma grande arara-vermelha. Eu podia contemplar o top das árvores abaixo de mim, como de um avião (Kopenawa, Albert, 2015, p. 89-90).

Frente aos medos que inicialmente se transformavam em gritos pela presença dos *xapiri pë*, Kopenawa começara a se tornar um melhor caçador por meio dos sonhos “pois antes de encontrar sua caça já havia visto a imagem desses animais em sonhos” (p. 37). Contudo, o trânsito para outros espaços torna vulnerável a pessoa, por isso ela deve se proteger para os intercâmbios e negociações com outras subjetividades, para as seduições que elas vão fazer

Nesse sentido, o trabalho dos *xapiri pë* se torna relevante durante os sonhos como seres que controlam e mediam as relações entre os Yanomami e os espectros. Nessa relação de mediação, tentam convencer os espíritos dos mortos de não levar aos humanos para o outro mundo, por mais que as saudades sejam fortes e profundas.

Nas viagens do mundo onírico, nessa capacidade de viajar, interagir, conversar e aprender com os espíritos, são os *yarori pë* - “ancestrais humanos que tinham nome de animais e estavam sempre se transformando [...] [que] deram origem aos animais de caça” (Limulja, 2022, p. 65) - os que mais se aproximam à Kopenawa. A existência desses seres é relevante na cosmologia Yanomami porque eles:

Deram origem aos animais de caça que hoje os Yanomami flecham e comem [...] mas apenas sua pele (*siki*) se transformou em animal de caça —sua imagem (*utupë*) deu origem aos espíritos auxiliares, *xapiri pë*. Quando Kopenawa foi iniciado no xamanismo por seu sogro, os *xapiri pë* passaram a levar seu *utupë* para todos os lugares, e ele pôde então contemplar os seres do primeiro tempo. Foi só depois de experimentar a *yãkoana* que passou a sonhar de verdade. Sob efeito do pó durante o dia, Kopenawa morre e seu espectro é carregado pelos seus *xapiri pë*, que o levam em todas as direções para conhecer coisas desconhecidas. Tudo que existe na floresta

possui uma imagem *utupë* e são essas imagens que os xamãs fazem descer (LIMULJA, 2022, p. 38).

Os brancos não sabemos sonhar

Davi Kopenawa lembra que os sonhos são entendidos de um jeito diferente pelos brancos, por conta de eles não terem acesso ao “mundo invisível dos espíritos e as suas imagens reveladoras” (p. 10). Nessa reflexão, os seus eventos oníricos têm uma diferença central com os dos povos indígenas: além da possibilidade de sonhar com outras subjetividades, o que é impossível para os brancos porque eles só conseguem ver e ter contato com seus próprios corpos, o espaço onírico se abre como uma viagem que permite ao sonhador um percurso para conhecer lugares e pessoas distantes. Se, para os primeiros, os sonhos são representações do mundo, acontecimentos de um tempo que não seria considerado real ou que carece de veracidade; para o povo Yanomami estes representam “um instrumento de conhecimento sobre o mundo” (p. 13).

A partir da oposição que os Yanomami estabelecem com os brancos, o relato que constrói Limulja (2022) para os leitores não-indígenas cobra uma relevância adicional: frente às possibilidades de sonhar só com meu próprio povo, os povos indígenas sonham com humanos e aqueles que são mais que humanos em outros e múltiplos lugares. Dessa forma, o livro se torna relevante para aqueles que não sentem e pensam o mundo desde o mundo onírico:

Apresento os sonhos yanomami às pessoas que nunca sonharam a floresta e que talvez nunca tenham ouvido falar dos Yanomami. Para que conheçam um pouco de sua história, de sua vida, de seus pensamentos, e para que possam, por sua vez, sonhar com outro modo de ser diferente do nosso, e que por isso mesmo tem muito a nos ensinar (LIMULJA, 2022, p. 21).

Além da diferença com os brancos, Limulja (2022) ressalta que existem diferenças também entre os sonhos das pessoas comuns do povo Yanomami e os próprios xamãs. Assim, a autora mostra a reflexão de Davi Kopenawa sobre essa disputa: os primeiros vão sonhar com coisas próximas à sua realidade, como animais, atividades do cotidiano, entre outros, de maneira que sua imagem sai do corpo, mas não consegue viajar além espaço conhecido do dia-a-dia; porém, alguns integrantes do povo Yanomami, especialmente os xamãs, conseguem se afastar das proximidades do tempo da vigília para reconhecer a existência de outros lugares, quer dizer, conhecem os mundos por meio dos sonhos: “Tudo que existe possui um *utupë* — e, nos sonhos, são essas imagens que se veem. Logo, tudo pode ser sonhado... Os Yanomami só acreditam naquilo que veem em seus sonhos... Na floresta Yanomami, não basta saber: é preciso sonhar para realmente conhecer as coisas a fundo” (LIMULJA, 2022, p. 52-53).

A cosmologia Yanomami

Para os Yanomami, como é mencionado pelo Sztutman (2022), a humanidade pode ser inscrita numa “teia de relações que envolve seres não humanos dotados de subjetividade” (p. 09). A partir disso, as relações cosmológicas que vão ser estabelecidas no cotidiano do povo indígena podem ser compreendidas como intensas afetações e relações entre diferentes ontologias.

A importância do olhar desde e com o povo indígena que propõe Limulja (2022) no livro destaca, não só pelo resgate duma grande quantidade de relatos oníricos, de eventos que marcam a história de cada membro do povo indígena Yanomami em sua interação no abrangente espaço dos sonhos, mas também pelo posicionamento político que os relatos trazem para as reflexões sobre a pós-modernidade.

Os sonhos dos Yanomami representam um espaço para a atividade política, isso implica o reconhecimento da existência de outras subjetividades além das humanas que habitam os espaços da vigília e da noite, as quais precisam ser respeitadas e cuidadas. Para Davi Kopenawa, a política dos Yanomami “(...) são as palavras de *Omama* e dos *xapiri* que ele nos deixou. São as palavras que escutamos no tempo dos sonhos e que preferimos, pois são nossas mesmo (...). As palavras de *Omana* e as dos espíritos penetram em nosso pensamento com a *yãkoana* e o sonho” (Kopenawa, Albert, 2015, p. 390).

É a partir do exposto que o livro de Limulja (2022) pode ser visto como uma urgente necessidade por sentir e pensar os universos desde as outras ontologias, os outros espaços e os outros tempos que só podem ser vistos desde outros pontos de vista que existem além da humanidade. Cartografar esse cosmos faz parte de um trabalho que, como o povo Yanomami mostra, precisa do tempo da vigília e do tempo da noite para ser expresso.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos**. Ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo: Martins Fontes, 2018.

BION, Wilfred R. **Cogitations**. Routledge, 2018.

GRÜNEWALD, L. A ‘cosmo/política’ ameríndia. **Indiana**, v. 33, n. 2, p. 119-143, 2018. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/105756207/a-cosmopolitica-amerindia>. Acesso em: 2 nov. 2022

KOPENAWA, D.; ALBERT, B. **A queda do céu. Palavras de um xamã yanomami**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. 729 pp.

LIMULJA, H. **O desejo dos outros**. São Paulo: Ubu Editora, 2022. 192 pp.

SZTUTMAN, R. Prefácio. Um livro sonhado. In: LIMULJA, H. **O desejo dos outros**. São Paulo: Ubu Editora. 2022, p. 9-17